

O momento mais europeu de Francisco

No CCB, o Papa surpreendeu ao fazer um discurso, sobretudo na qualidade de chefe de Estado do Vaticano, que incidiu direta e especialmente sobre opções tomadas (e por tomar) no seio da União Europeia.

Paula Borges Santos | Público | 3 de Agosto de 2023

No primeiro dia da sua visita a Portugal, no âmbito da [Jornada Mundial da Juventude](#) que Lisboa acolhe, o Papa Francisco proferiu, no encontro com as autoridades portuguesas, o corpo diplomático e representantes da sociedade civil, aquele que é, até agora, o discurso mais europeu do seu pontificado. Vale a pena revisitar o seu conteúdo.

Tendo-nos habituado a uma reflexão que projeta as suas preocupações com as periferias geográficas e culturais da Igreja Católica, e que evidencia causas que emanam sobretudo do Sul, Francisco surpreendeu no Centro Cultural de Belém ao fazer um discurso, na principal qualidade de chefe de Estado do Vaticano, que incidiu diretamente sobre a Europa e, em especial, sobre opções tomadas (e por tomar) no seio da União Europeia.

Naquele que foi o momento mais político desta visita, Francisco recuperou algumas ideias que defendeu, em abril deste ano, na sua [deslocação à Hungria](#), quando sublinhou em Budapeste, no encontro homólogo ao do CCB, a necessidade de a Europa, que aí apresentou como o lugar da “memória da humanidade”, estabelecer esforços criativos para a paz, se empenhar na manutenção de relações pacíficas e evitar tornar-se presa de populismos autorreferenciais (numa crítica evidente ao regime de Orbán) ou de um “supranacionalismo abstrato” (num alerta aos próprios decisores europeus).

Em Lisboa foi mais longe. Escolheu fazer um diagnóstico detalhado dos desafios que se colocam no continente europeu e responsabilizou a União Europeia (UE) pelo encontro de futuras soluções. E deu um passo novo: sinalizou prioridades para as ações da UE. É nesta linha que se pode compreender a sua evocação da assinatura do tratado de reforma da UE, assinado em Lisboa, em 2007 – momento de convergência e de refundação do projeto europeu – e não como enaltecimento de uma posição privilegiada de Portugal para o encontro de saídas da policrise.

Usando uma linguagem direta, apoiando-se moderadamente na conceptualização doutrinária que normalmente encontramos nas suas alocações (e que enforma a chamada economia de Francisco, a qual certamente irá transparecer abundantemente nas suas intervenções aos jovens nos próximos dias), o Papa definiu três eixos de atuação da UE, que hierarquizou pela seguinte ordem:

Primeiro, o encontro de uma solução de paz para a guerra da Ucrânia. Aqui, o mais interessante foi ter evitado a repetição de fórmulas antimilitaristas ou a denúncia dos “imperialismos exploradores” que frequentemente usa, sem deixar de questionar as políticas de armamento que aquele conflito militar tem desencadeado. É possível que tal moderação, deixando de lado a sua conhecida reação à unipolaridade (entenda-se

ao domínio dos Estados Unidos da América), se prenda com os esforços diplomáticos do Vaticano para o encontro de soluções de paz e de ajuda humanitária na guerra da Ucrânia, que objetivamente envolvem a administração de Joe Biden;

Segundo, a necessidade de a Europa se assumir como construtora de pontes e pacificadora de regiões de fronteira no Mediterrâneo, no Leste europeu, na África e no Médio Oriente. Sabendo como, por exemplo, o Sudão tem merecido atenção da Santa Sé, mesmo antes da deflagração da guerra atual na região, foi para a crise migratória que assola o Mediterrâneo que Francisco deslocou atenção, revelando-se especialmente crítico da gestão dessa crise realizada por vários Estados-membros e pelos órgãos decisores da UE;

Finalmente, um terceiro eixo, mais focado numa dimensão de política interna, centrado no problema do empobrecimento transversal às sociedades de vários países europeus, tendo apelado a maior investimento na saúde, na educação e no Estado Social. É difícil não ver, nesta última dimensão, uma mensagem particular para as autoridades políticas portuguesas, uma vez que Portugal se tornou um dos países mais pobres da Europa, não obstante a propaganda do Governo salientar continuamente bons resultados económicos e não apresentar uma estratégia efetiva de recuperação.

Nos longos meses de preparação da JMJ de Lisboa, a Santa Sé teve oportunidade de fazer um “raio-X”, não só à Igreja Católica local, como também ao país, pelo que não surpreende que o tema do empobrecimento suscite preocupação e a ocasião concite uma intervenção crítica quanto à situação social e económica.

Também na denúncia à ausência de políticas de incentivo à natalidade e na crítica à [legislação sobre a eutanásia](#), Francisco sinalizou afastamento em relação ao caminho traçado na atual legislatura. Mais pela positiva destacou os esforços de preservação ambiental do Estado português e valorizou a necessidade de proteção dos oceanos, em que Portugal se tem destacado.

Numa rara oportunidade, ficámos a conhecer o pensamento estratégico de Francisco sobre a UE (e Portugal) e as suas críticas às escolhas já feitas, mas ficaram por conhecer quais as soluções efetivas para os problemas identificados. Respostas cruciais num mundo em que, de forma cada vez mais evidente, o realismo político está de regresso.

<https://www.publico.pt/2023/08/03/opiniao/opiniao/momento-europeu-francisco-2059140>